

ANTONIO DE ALMEIDA LARA

Paulo Pitaluça Costa e Silva

INTRODUÇÃO

O Brigadeiro Antônio de Almeida Lara foi um dos mais importantes personagens que despontou nos primórdios da ocupação do vale do Coxipó, nos três arraiais pioneiros, São Gonçalo, Forquilha e Lavras do Sutil ou Arraial do Cuiabá. A história ainda o registrou como pioneiro na ocupação de Chapada. Nos primeiros tempos das minas do Cuiabá e do Mato Grosso teve uma considerável influência de mando e poder.

Quase todos os historiadores regionais modernos dedicaram-lhe memória, citaram a sua pessoa, os seus cargos, alguns de seus feitos, mas nunca enfeixaram a sua biografia no corpo de um só trabalho.

As citações a seu respeito são vagas e esporádicas, e foram feitas, umas, pelos cronistas do século XVIII, alguns seus prováveis contemporâneos, que conseguiram registrar algo de sua vida, seus cargos e sua atividade nos primeiros anos da ocupação pioneira das minas do Cuiabá; outras, por historiadores que se ocuparam do bandeirismo paulista, que também o citaram de relance, tendo por base documentos achados no Arquivo do Estado de São Paulo.

Portanto, para se formar um esboço biográfico completo, há que se pinçar inúmeros registros, inseridos em várias crônicas, histórias, biografias, genealogias, relatos de viagens e outros documentos, tanto do período colonial como do provincial, e daí, num interessante e recompensador trabalho de pesquisa, condensar-se em um só trabalho biográfico sobre o notável personagem que foi o Brigadeiro Antônio de Almeida Lara.

DADOS BIOGRÁFICOS

Antônio de Almeida Lara nasceu na vila de São Paulo em fins do século XVII, filho de João Raposo da Fonseca Leme e de Maria de Lara e Almeida¹. Seu pai faleceu em 1703 em Parnaíba. Nada a história deixou registrada acerca de sua infância e adolescência, de seus estudos e local de moradia.

Ainda jovem, acompanhou a bandeira de seu tio Sebastião Pinheiro da Fonseca Raposo aos sertões da Bahia, no rio das Contas. Essa bandeira foi formada por ordem de Dom Brás Baltazar da Silveira, através da Provisão de 22 de outubro de 1713, e que se internou pelos sertões em busca de novas lavras auríferas. Pelos anos que passou minerando pelos sertões da Bahia, chegou Pinheiro Raposo a ter consigo mais de 80 arrobas de ouro.²

Andou Almeida Lara na Bahia entre 1713 e 1718 na extração de ouro, onde chegou a obter muitas arrobas desse metal precioso. Retornando em 1718 para São Paulo a fim de rever sua mãe, levou consigo duas arrobas do cobiçado metal, deixando com o tio, e também padrinho, cerca de oito arrobas de ouro³. Sebastião Pinheiro Raposo, durante a ausência do sobrinho, foi surpreendido com uma grande revolta entre seus homens, motivada em especial pelos maus tratos que sofriam, chefiados pelo português Manuel da Silva Braga. No desfecho desse levante, foi cruelmente assassinado pelo bando amotinado, e acabou perdendo não só o ouro do sobrinho, mas toda a sua própria fortuna e pertences pessoais, sendo o seu arranchamento totalmente destruído.⁴

Essa perda do ouro duramente bateado pelas lavras baianas, cortou o plano que tinha Lara de estabelecer-se comercialmente em Lisboa, vendo-se obrigado a continuar adentrando pelos sertões em busca de fortuna.

Sabe-se que seguiu via marítima para o Piauí⁵ em 1719 e, aí percebendo que não teria futuro, nem com a preia de índios nem com a exploração de minas auríferas, em seguida retornou embarcado para São Paulo.

1 - Leme Luiz Gonzaga da Silva - in - "Genealogia Paulistana" - São Paulo: Duprat & Cia, 1904, 9v., nos dá conta de pelo menos 5 pessoas com o nome de Antonio de Almeida Lara entre os séculos XVII e XVIII.

2 - Franco, Francisco de Assis Carvalho - "Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil" - São Paulo: Comissão do IV Centenário, 1954, p.328.

3 - Franco, Francisco de Assis Carvalho - op. Cit., p.200

4 - Franco, Francisco de Assis Carvalho - op. Cit., p.328

5 - Franco, Francisco de Assis Carvalho - op. Cit., p.200

Chegando à essa vila, encontrou um grande alvoroço, com a sua população excitada e influenciada pela recém chegada notícia do ouro cuiabano, comprovada com as amostras das pepitas trazidas pelo bandeirante Antônio Antunes Maciel.

Joaquim da Costa Siqueira nos conta: *“Divulgada a notícia pelos povoados, foi tal o movimento que causou nos ânimos, que das Minas Gerais, Rio de Janeiro e de toda a Capitania de São Paulo se abalaram muitos, deixando casas, fazendas, mulheres e filhos, botando-se para estes descobertos como se fora a Terra da Promissão [...]”*⁶.

Atraído pela fama dessas lavras, embarcou Almeida Lara para as novas minas provavelmente na primeira monção de 1720 que deixou Araritaguaba com destino ao ouro do Coxipó. Foi muito concorrida essa monção que conduziu a primeira leva de pioneiros aventureiros atraídos pela rápida fama das novas lavras. *“Entrado o ano de 1720, fizeram viagem para estas minas algumas gentes divididas em diversos comboios [...]”*⁷, nos relata novamente Costa Siqueira.

Em 1720 estava desembarcando em São Gonçalo Velho, o arranchamento pioneiro de Pascoal Moreira Cabral. Uma quantidade de ranchos de palha, desordenadamente construídos, fervilhante de aventureiros de todo o tipo, cheios de esperança no ouro fácil encontrado no vale coxiponeano. Possivelmente Almeida Lara tenha iniciado de imediato o seu trabalho de batear o ouro encontrado no Cóxipó e córregos adjacentes. Logo deve ter recebido do Guarda Mor Pascoal Moreira Cabral a sua data de mineração.

Chegou já com equipamentos para a mineração, ferramentas, armas e escravos, adquiridos com as duas arrobas do ouro que lhe sobraram de seu trabalho em minas baianas. Por certo esse ouro baiano o diferenciava dos demais aventureiros que demandavam ao Cuiabá. Rodrigo César de Menezes nos afirma: *“[...] como nestas (Minas do Cuiabá), para onde se passou no princípio de seu descobrimento, trazendo grande número de escravos e fazendo uma considerável despesa em viagem tão dilatada e agreste [...]”*⁸.

6 - Siqueira, Joaquim da Costa - “Crônicas do Cuiabá” - in - Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, v. IV, 1898/1899, p.18

7 - Siqueira, Joaquim da Costa - op. Cit., p.18

8 - Carta Patente passada pelo Capitão General Rodrigo César de Menezes, nomeando Antonio de Almeida Lara como Brigadeiro, de 30 de dezembro de 1726, transcrita in - Marques, Manoel Eufrázio de Azevedo - “Apontamentos Históricos, Geográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo” - Belo Horizonte, Ed. Itatiaia/USP, 1980, 1o. v., p.57 -

Em 6 de novembro de 1720, assinou um Termo ⁹ elaborado pelos bandeirantes, acampados ainda no arraial de São Gonçalo Velho, às margens do rio Coxipó, pelo qual Fernando Dias Falcão foi aclamado Cabo Maior e Pascoal Moreira Cabral confirmado como Guarda Mor das Minas. Foi esse o primeiro documento institucional, que sobreviveu até nossos tempos, assinado pelo Brigadeiro, numa prova incontestada de que seu nome já tinha certo peso e algum prestígio pessoal, acompanhando as assinaturas dos maiores da terra em tão importante documento ¹⁰.

Nesses tempos pioneiros, sabe-se que minerou em local denominado Arraial Queimado, cujas minas ele próprio descobriu ¹¹. Esse tal Arraial Queimado possivelmente deva ter sido um acampamento dos mineradores de Almeida Lara situado nas margens do ribeirão Queimado. Esse ribeirão era um dos afluentes do rio Coxipó, logo acima do córrego da Mutuca. Daí infere-se que, a lavra minerada por Almeida Lara, não seria denominada de "Arraial Queimado" e sim, "Arraial do Queimado"¹². Com isso, pode-se seguramente concluir que, foi o Brigadeiro Lara um dos primeiros que subiu o Coxipó, com o intuito, não de prear índios, mas de minerar o ouro. E se esse raciocínio for correto, pode-se deduzir que, Antonio de Almeida Lara, deva ter sido um dos fundadores, em 1721, do novo arraial da Forquilha, já que ele andava minerando Coxipó acima. E para esse novo arraial, mudaram-se praticamente todos os bandeirantes habitantes do arranchamento primeiro de São Gonçalo Velho. Assim, com certa convicção, pode-se afirmar que o arraial da Forquilha, o segundo arraial no cronológico da ocupação do vale do Coxipó, deva ter sido fundado pelo Brigadeiro Antonio de Almeida Lara, em suas andanças pelo córrego acima, atrás de novas lavras do ouro cuiabano.

Fruto de sua mineração pelo vale do córrego do Coxipó, somente nos primeiros anos de trabalho, pagou de quintos à Fazenda Real, 3.000 oitavas, ou quase 11 quilos em ouro ¹³.

⁹ - Silva, Paulo Pitaluga Costa e - "Ata de Fundação de Cuiabá - Uma Análise Crítica" - Cuiabá: Ed. IHGMT, 1996 - Anexos

¹⁰ - Silva, Paulo Pitaluga Costa e - op. Cit. -

¹¹ - Marques, Manoel Eufrásio de Azevedo - op. Cit., p.57

¹² - Opinião essa idênticamente manifestada pelo Dr. Luis-Philippe Pereira Leite, emérito historiador mato-grossense.

¹³ - Taunay, Afonso de - "Paulistas em Mato Grosso" - in - Anais do Museu Paulista, São Paulo: tomo X, 1941, p.14, assim afirma: "Este Antonio de Almeida Lara ...de quem o Capitão General Rodrigo César de Menezes dizia haver pago de dízimos à Fazenda Real, o melhor de três mil oitavas, mais de onze quilos de ouro!"

Em suas perambulações pela região do vale superior do Coxipó, certamente tentando achar veios auríferos, acabou por descobrir um dos caminhos que demandava serra acima, sendo Almeida Lara considerado o descobridor e primeiro morador da hoje denominada Chapada dos Guimarães. Foi realmente dos pioneiros, senão o primeiro, a se estabelecer com fazenda em Santana de Chapada. Em 25 de junho de 1726, recebeu Carta de Sesmaria, da área que ocupava, denominada Buriti¹⁴, com uma légua de terra em quadra, sendo uma das primeiras sesmarias outorgadas no governo do Capitão General Rodrigo Cezar de Menezes, 10 dias antes desse Capitão General partir em sua viagem fluvial de São Paulo para Cuiabá. Em sua petição para obtenção da Sesmaria, *“Antonio de Almeida Lara afirmava, em sua petição, se “estante nas Minas do Cuiabá, e sitiado e afazendado na Chapada” havia já seis anos, portanto, desde 1720, montando na “Chapada” uma “fazenda de roças, canaviais e criações com engenho”, em que empregava “mais de trinta escravos””*¹⁵. Apesar do próprio Almeida Lara ter afirmado isso em sua petição, achamos que deva ter-se enganado no cálculo da data em que afazendou-se em Chapada. Em 1720 ele havia saído em monção de São Paulo e chegado a Cuiabá após 5 ou 6 meses de viagem, minerado no arraial de São Gonçalo, assinado o Termo de 6 de novembro, descoberto as minas do Arraial Queimado, explorado o vale do Coxipó, e ainda, ter-se estabelecido nos altos de Chapada com fazenda e 30 escravos... Era muita atividade, muita coisa para acontecer em tão somente 1 ano. Provavelmente deva ter se estabelecido no Buriti, em 1721 ou 1722. Obviamente o Brigadeiro exagerou um pouco nos termos de seu requerimento de Sesmaria, com certeza para tornar o seu pleito mais convincente e obter com mais facilidade um parecer favorável.

Em período anterior a 1726, provavelmente algum ano entre 1722 e 1725, foi regente das minas do Cuiabá, e durante o exercício desse cargo estabeleceu um Registro no denominado Arraial Velho, rio Cuiabá abaixo, próximo ao rio Paraguai, para arrecadação dos quintos devidos a Real Fazenda pelas monções que iam e vinham de São Paulo para as novas minas cuiabanas. Rodrigo César de Menezes, na Carta Patente em que nomeia

14 - Corrêa Filho, Virgílio - “História de Mato Grosso” - Rio de Janeiro: INL, 1969. Nos afirma textualmente: “... para ir hospedar-se no sítio de Antonio de Almeida Lara, que montara em Buriti, o primeiro engenho de açúcar, a dez léguas de Cuiabá.”

15 - Rosa, Carlos - “Esbarro no hoje, Recuo no tempo, Galope na história” - in - Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Cuiabá, 1995, p.42

Almeida Lara para o cargo de Brigadeiro, assim nos diz: “[...] e sendo encarregado da regência delas (Minas do Cuiabá), governou mais de um ano com boa satisfação do povo, fazendo no dito tempo, estabelecer a casa de Registro do Arraial Velho, por minha ordem [...]”¹⁶.

O contido nessas afirmações do Capitão General, enseja dois pontos a ponderar.

Primeiramente, não consta em registros históricos, qualquer nomeação de Almeida Lara como Regente das Minas do Cuiabá por esses anos mencionados acima. Para essa constatação, basta pesquisa na coleção Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, volumes XII e XIII, “Bandos e Portarias de Rodrigo César de Menezes” e XXIII, “Correspondência e papéis avulsos de Rodrigo César - 1721 - 1728”.

Consta, isso sim, o “Regimento que levou para as novas Minas do Cuiabá o Mestre de Campo Regente João Leme da Silva” de 26 de junho de 1723, mas que, em face de seu julgamento e fuzilamento, não chegou o referido Mestre de Campo a retornar a Cuiabá. Pode-se inferir que, com a notícia da nomeação e morte de João Leme, o povo de Cuiabá e autoridades já constituídas, “*esponte propria*” e ex-ofício, tenham resolvido investir Almeida Lara das funções de Regente, pelo prazo de 1 ano. Por outro lado, na ocasião havia o cargo de Capitão-Mor Regente, ocupado por Fernão Dias Falcão, e, por algum motivo, Almeida Lara possa tê-lo substituído temporariamente. Somente esses fatos explicariam Rodrigo César de Menezes, em sua Carta Patente, tê-lo mencionado “**Regente**” das minas do Cuiabá.

Por outro lado, o “Regimento do Provedor dos quintos de Cuiabá” assinado por Rodrigo César em 24 de junho de 1724, diz em seu artigo 28: “**A Casa de Registro para cargas e negros se assentará na melhor paragem que escolherem o Capitão Mor Regente, o Provedor dos Quintos Reais [...]**”, e em outro Regimento da mesma data, no diz: “**Logo que chegar ao Arraial Velho, ao sítio do Guarda Mor, onde deverá assistir o dito Provedor [...]**”¹⁷. Isso corrobora com a tese do afastamento do Capitão Mor Regente, Fernão Dias Falcão, e a assunção provisória de Almeida Lara como Regente, dando tempo para ele instituir a casa do Registro do Arraial Velho, em cumprimento de instruções específicas. Assim, o Registro do Arraial

¹⁶ - Carta-Patente passada em Cuiabá a 30 de dezembro de 1726 pelo Capitão General de São Paulo Rodrigo César de Menezes - transcrita in - Marques, Manoel Eufrásio de Azevedo - op. Cit.

¹⁷ - Ambos os documentos inseridos in - Documentos Interessantes para a História e Costume de São Paulo, São Paulo: Arquivo do Estado, 1895, v. XIII, p.22 e p. 139 respectivamente

Velho realmente foi instituído, e certamente por Antonio de Almeida Lara quando Regente provisório em Cuiabá, conforme o Capitão General afirmou em sua Carta Patente. A menção de ter ele ocupado esse cargo é insofismável, por constar em documento oficial, apesar de não haver registro e se desconhecer a maneira pela qual assumiu essa regência das minas cuiabanas em data anterior a 1726.

Ainda no ano de 1726, fez uma entrada pelo rio Parnaíba¹⁸, para efetuar explorações e combater índios bravios, e segundo Azevedo Marques: “ [...] *como na bandeira que fez ao sertão de Parnaíba, em que fez alongar o gentio que infestava estas minas, e se acham algum moradores situados, de que tem resultado uma grande conveniência para a Real Fazenda [...]*”¹⁹.

Essa sua entrada pelos sertões do rio Parnaíba, primeira expedição de longa duração após o seu estabelecimento nas lavras cuiabanas, tão distante do arraial de Cuiabá, mostra bem a sua veia inata de sertanista e aventureiro, preador de índios e minerador de ouro, marca essa que constituiu a sua complexa personalidade e acompanhou-o pelo resto de sua vida.

Ainda nesse mesmo ano de 1726, a 30 de dezembro, obteve ele a patente de Brigadeiro da Infantaria das Ordenanças de Cuiabá, patente essa passada pelo Capitão General de São Paulo, Rodrigo Cezar de Menezes, logo de sua chegada em visita às Minas do Cuiabá. Essa patente de Brigadeiro, mais uma vez vem comprovar o prestígio de Almeida Lara nas minas cuiabanas, tanto política como financeiramente, além de, certamente, possuir vocação e jeito para esse cargo, que exigia muita coragem, fibra, aptidão para o comando e valor pessoal.

O ano de 1726 foi pródigo em registros históricos referentes a Antonio de Almeida Lara. Nesse ano, houve uma seca muito grande em Cuiabá, e com isso, perderam-se as plantações para a subsistência da população cuiabana, em extrema penúria, estava na iminência de passar fome. O Brigadeiro “ [...] *socorreu a maior parte dos moradores com mantimentos de sua fazenda [...]*”²⁰. Isso demonstra quão produtivas eram

18 - Franco, Francisco de Assis Carvalho - op. Cit., p.200

19- Marques, Manoel Eufrásio de Azevedo Marques - op. Cit., p. 57

20 - Carta Patente de Rodrigo César de Menezes de 30 de dezembro de 1726, inserida in - Manoel Eufrásio de Azevedo Marques - op. cit., p. 57

as suas terras no Buriti, não vivendo somente da exploração de lavras de ouro, mas plantando e colhendo mantimentos os mais diversos para subsistência e venda, o que justifica a doação feita aos menos afortunados em momentos difíceis. Eis um dos fatores relevantes para a formação do prestígio pessoal do brigadeiro em Cuiabá.

A 1º de janeiro de 1727, Almeida Lara assinou a Ata de elevação do arraial de Cuiabá à categoria de Vila²¹, em cerimônia presidida pelo Capitão General Rodrigo Cezar de Menezes. Por ser um dos poucos a assinar a referida ata, por essa ocasião, com a sua nomeação para o cargo de Brigadeiro, fica comprovado de que já era pessoa de grande destaque e prestígio dentre a gente pioneira cuiabana. Por isso a deferência do Capitão General para a sua assinatura em tão importante documento dos primórdios da história de Cuiabá. A sua rubrica sem dúvida, atesta sua notória influência e destaque nas minas.

Com a institucionalização de Cuiabá em Vila, *“Entrou o dito Ouvidor (Antônio Alves Lanhas Peixoto) a eleições, fez os pelouros que logo se abriu o primeiro e viram-se logo Juizes Ordinários, Vereadores, Almotacéis e mais oficiais de justiça [...]”*²². Almeida Lara foi um dos Almotacéis eleitos nesse ano, iniciando, assim, em 1727, a sua vida de homem público. *“Os almotacéis exerciam as funções de fiscais da Câmara e aferidores dos pesos e medidas [...]”*²³.

Nesse mesmo ano, Almeida Lara hospedou em sua fazenda, em Santana de Chapada, o Ouvidor Antonio Alves Lanhas Peixoto, que lá ficou algum tempo caçando perdizes e pesquisando lavras auríferas, longe dos problemas criados pelo Capitão General Rodrigo Cezar de Menezes. Lanhas Peixoto havia tido um desentendimento político-judicial com o Capitão General por causa do enforcamento de um escravo, julgamento esse que o Ouvidor discordava²⁴. Apesar de publicamente ter caído em desgraça perante o Capitão General, foi acintosamente hospedado pelo Brigadeiro. O Ouvidor, assim amparado por Almeida Lara, passou um bom tempo longe do Capitão General, das intrigas e da politicagem que grassava por conta dos bajuladores de Rodrigo César.

21 - A referida Ata está inserida - in - Mendonça, Estêvão de - “Datas Mato-grossenses” - Cuiabá: Casa Civil do Governo do Estado, 1973, 1o. v, p.13 e 14 -

22 - Sá, José Barbosa de - “Relação das Povoações do Cuiabá e Mato Grosso de seus principios até os tempos presentes” - Cuiabá: UFMT, 1975, p.19

23 - Piza, Antonio de Toledo - Nota de Rodapé n. 3, p. 190 - in - Siqueira, Joaquim da Costa - op. Cit. -

24 - Sá, José Barbosa de - op. Cit., p.21

Anteriormente, Lanhas Peixoto havia requerido e obtido, a 27 de novembro de 1726, Carta de Sesmaria em Chapada, ao lado da Sesmaria de Almeida Lara, pelo nascente. Provavelmente, fez o seu requerimento por indicação do próprio Lara, contando-lhe das terras devolutas existentes na vizinhança. Isso demonstra bem a amizade entre ambos, e daí, a proteção dada pelo Brigadeiro ao Ouvidor.

Em 1728 enviou Almeida Lara duas canoas de guerra e algumas de carga para a região pantaneira dos Guatós, rio Paraguai abaixo, onde alguns sertanistas haviam encontrado, anos antes, plantação de cana-de-açúcar, e disso deram notícias em Cuiabá. Essa cana-de-açúcar possivelmente teria sido levada para essa região do baixo Mato Grosso pelos Jesuítas, quando fundaram, ainda em princípios do século XVII, a Missão do Itatim. Ou ainda, até mesmo no século XVI, durante as penetrações pelo rio Paraguai acima, pelos conquistadores espanhóis. Depois de pouco mais de dois meses a expedição retornou à Cuiabá trazendo as mudas, que foram plantadas em seu sítio na Chapada. No ano seguinte, de 1729, montou o Brigadeiro Lara o primeiro engenho de cana desses sertões, a que chamavam Alambique do Brigadeiro. Possivelmente esse alambique poderia também ter sido um engenho de açúcar²⁵.

Muito de seus escravos, à época, furtavam mudas de suas canas e as vendiam em Cuiabá a duas e três oitavas de ouro cada. Em poucos anos, vários proprietários rurais possuíam seus canaviais, oriundos das mudas furtadas à Almeida Lara. A aguardente produzida pelo Brigadeiro em Chapada era vendida em Cuiabá a seis oitavas o frasco e quarenta oitavas as "*frasqueiras*".²⁶ Não consta registro da comercialização do açúcar que também poderia ter sido produzido em sua propriedade chapadense.

A essa quadra da vida, Antonio de Almeida Lara era, indiscutivelmente, homem de inegável poder político e financeiro e influente na vila de Cuiabá. A 20 de fevereiro de 1729, tomou posse no cargo para que fora eleito em 2 de janeiro, como Vereador à Câmara de Cuiabá. O sertanista, preador de índios, minerador de ouro, senhor de engenho pioneiro, confirmava-se cada vez mais como homem público.

Pelas provisões de 12 e 19 de junho de 1730 foi nomeado Regente do Governo Militar e Guarda Mor das Minas de Cuiabá, respectivamente, tomando posse nesses cargos em janeiro de 1731, no recinto

25 - Corrêa Filho, Virgílio - op. Cit., p.219. Vide a citação na nota 8.

26 - Sá, José Barbosa de - op. Cit., p.25 -

do Senado da Câmara do Cuiabá.

A Provisão do Capitão General Caldeira Pimentel, de 19 de junho de 1730, menciona expressamente:

*“Faço saber aos que esta Provisão virem que havendo consideração a se acharem as minas do Cuiabá sem Guarda Mor que prontamente faça repartição de terras aos mineiros, por estar ausente delas Pascoal Moreira Cabral, que pelos seus muitos anos e achaques, vive retirado das ditas minas, e ser necessário prover-se guarda mor, que haja de acudir com prontidão à repartição de terras [...] . Hei por bem fazer-lhe mercê (como por esta lhe faço) ao dito Antonio de Almeida Lara, de o prover no dito cargo de guarda mor das ditas minas do Cuiabá por tempo de um ano [...]”*²⁷

Realmente, era tão grande e inegável o seu prestígio, que acabou sendo nomeado substituto do próprio descobridor e fundador das minas cuiabanas, Pascoal Moreira Cabral, como Guarda Mor.

Em abril de 1731, já como autoridade constituída em Brigadeiro, Vereador e Guarda Mor, capitaneou expedição formada para combater os índios Paiaguás e Guaicurus, pelo rio Paraguai abaixo, composta de trinta canoas de guerra e cinquenta de carga, com cerca de 400 homens bem armados, inclusive portando pequenas peças de artilharia, adaptadas nas bordas das referidas canoas de guerra. Essa expedição conseguiu destruir as aldeias de Tabatinga e Saracuses, em pleno território castelhano²⁸. Pelas crônicas coloniais que se referem a esse combate, Antonio de Almeida Lara foi excessivamente bárbaro e impiedoso para com os índios, chegando a cortar as mãos e orelhas dos prisioneiros. Beaurepaire-Rohan nos conta que: *“A uns prendeu Lara e os trouxe consigo, a outros mandou cortar as mãos e as orelhas, e os reenviou neste estado aos seu caciques e seus aliados Paiaguás. Este ato de crueldade, pelo qual mostrou Lara ser tão bárbaro e ainda mais pérfido que os selvagens [...]”*²⁹. Relatando o ano de 1740, o mesmo Beaurepaire-Rohan nos diz: *“Nove anos antes, tinha o Brigadeiro Lara praticado com esta nação vingativa, um ato da mais requintada barbaridade.”*³⁰

27 - Transcrito in - Silva, Paulo Pitaluga Costa e - Notícias acerca do falecimento de Pascoal Moreira Cabral Leme - Mensário do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro: n. 1, ano IX, 1978 -

28 - Sá, José Barbosa de - op. Cit., p.31

29 - Beaurepaire-Rohan, Henrique de - “Annaes de Matto Grosso” - in - Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, São Paulo: v. 15, 1910, p.58

30 - Beaurepaire-Rohan, Henrique de - op. Cit., p.65

Essa tal “barbaridade” cometida por Almeida Lara, talvez seja explicada como uma vingança muito pessoal contra esse índios, vez que, em monção do ano anterior de 1730, em pleno pantanal, os Paiaguás haviam trucidado o seu amigo Antonio Alves Lanhas Peixoto e matado a quase todos os membros da expedição que retornava para São Paulo. A rigor, essa expedição de 1731, foi formada para se punir os Paiaguás pelo massacre do ano anterior. Daí os excessos praticados.

Todavia, essa não parece ter sido a tônica do comportamento e procedimento de Almeida Lara em seus embates com os índios. João Antonio Cabral Camelo, nos considera que: “ [...] *o Cabo da armada era um nobre paulista por nome Antonio de Almeida Lara; [...] o Cacique, em fé de amigos se embarcou com os cuiabanos, levando consigo a sua mãe, um irmão e alguns parentes seus; mas foram os nossos tão bárbaros e infiéis, que o mesmo foi apartarem-se da terra que porem numa corrente o Cacique e manietarem os mais; assim presos os apresentaram ao Cabo; estranhou ele esta ação, e mandando-os soltar, os tratou com liberalidade e agrado [...]*”.³¹

O seus cargos de Brigadeiro e de Regente do Governo Militar das Minas do Cuiabá, impunham-lhe missões bélicas contra os índios, principalmente os Paiaguás que infestavam os rios do pantanal, atacando moradores ribeirinhos e os monçoeiros em viagem. Pelos seus serviços de combate aos índios Paiaguás, foi louvado por Carta Régia de 27 de outubro de 1732 pelo próprio Rei de Portugal, Dom João V.

Nesse ano de 1732, em Cuiabá, a 17 de julho, formou Antonio de Almeida Lara uma sociedade de mineração, juntamente com Antonio Pinho de Azevedo e outros, com a finalidade de realizar a canalização das águas do ribeirão Mutuca, para lavrar ouro no local denominado Jacé, há uma légua de Cuiabá. Chegou mesmo a iniciar os trabalhos, mas as dificuldades foram imensas e teve que abandonar a empreitada. Tal serviço, contando com as técnicas deficientes da época, foi impossível de ser levado a termo, em função de problemas de diferenças de nível para a passagem da água corrente vinda de muitas léguas de distância. A água deveria ser canalizada a partir do córrego da Mutuca desde muitas léguas até o Jacé. Mas esse empreendimento deixou bem configurada a sua visão empresarial, tentando uma obra de engenharia complexa e impossível para as técnicas incipientes

31 - Camelo, João Antonio Cabral - “Noticias práticas das minas do Cuiabá” - in - Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro: 1842, tomo IV, p. 494

desse tempo. Quase um século após essa iniciativa, ainda se viam intatos, na região, os grandes canais de água para servirem à mineração, e eram chamados de “regos do Brigadeiro”³². Realmente, Lara foi um empresário pioneiro em Cuiabá, despontando na primeira metade do século XVIII.

A 22 de dezembro de 1733, em obediência ao determinado pelo Capitão General de São Paulo, Conde de Sarzedas, em correspondência a ele dirigida de 19 de agosto desse ano, determinou a prisão de todos os ourives que exerciam essa profissão em Cuiabá, remetendo-os em seguida para São Paulo³³. Essa medida, atingindo os pobres ourives cuiabanos, foi de caráter puramente fazendário, tendo-se em vista evitar a evasão do ouro e aumento da arrecadação devida ao Real Erário. Almeida Lara em sua comunicação ao Ouvidor Geral, assim se expressou: “[...] *e evitando-se assim as obras de ouro que aí se tem feito e estão fazendo*”³⁴. Certamente os ourives transformavam em jóias muito do ouro não tributado, contribuindo assim para a evasão fiscal. Dentre os expulsos estavam Pedro Bartolomeu, Francisco Leme e Francisco Xavier de Matos. Alguns deles chegaram a retornar à vila de Cuiabá anos depois. Nessa mesma correspondência, ainda determina Lara: “[...] *e fará Vmcê. observar inviolavelmente ao que respeita a não haver fora dessa Vila, negras de tabuleiro, vendas e casas de pasto [...]*”, proibindo assim, fora dos limites da vila cuiabana, a comercialização de comida através de ambulantes, vendas e casas desse ramo. E finalizando esse ofício de 22 de dezembro ao Ouvidor, assim recomenda: “[...] *procure que se dê cumprimento à ordem de Sua Majestade, e havendo quem as encontre deve Vmcê participar-me fazendo certo com certidão para que eu possa aplicar-lhe o remédio mais conveniente ao serviço do digno Senhor e para sossego dos moradores*”. A finalidade dessas suas ordens, hoje absurdas, tinha sempre como objetivo evitar-se a evasão fiscal, e aumentar-se de toda a forma a arrecadação para a Fazenda Real.

Em 1734 participou de nova expedição comandada pelo Tenente General Manoel Rodrigues de Carvalho contra os Paiaguás, armada às suas custas e de outros importantes e ricos moradores da vila de Cuiabá. A expedição era composta por 28 canoas de guerra, 80 de bagagens e 842 homens fortemente armados, sendo comandada pelo referido Tenente General que viera de São Paulo já com parte dessa tropa. Desceram o rio Cuiabá

32 - O item 18 dos Estatutos da Companhia de Mineração do Cuiabá, de 16 de janeiro de 1817, nos dizem [...] *assim como as terras que puderem lavrar com as águas do dito encanamento ou regos chamados do Canelas e do Brigadeiro [...]*

33 - Mendonça, Estêvão de - “Data Mato-Grossenses” - Cuiabá: Ed. Casa Civil do Governo do Estado de Mato Grosso, 1973, 2o. v., p.327. vide data 22 de dezembro de 1733

34 - Mendonça, Estêvão de - op. Cit.

até o rio Paraguai e adentraram por uma grande baía onde deram com uma aldeia Paiaguá. Surpreenderam os índios em rápido ataque, e no decorrer do combate, foram os mesmos totalmente dizimados. Após o combate contaram-se mais de 600 mortos, sendo feitos 266 prisioneiros. Na expedição, 2 negros e um mulato, foram mortos acidentalmente pelo disparo de fogo amigo.³⁵

Ainda, em 22 de março de 1735, recebeu o Brigadeiro Lara o título de Regente das Minas do Cuiabá.

Em data ignorada, mas provavelmente ainda pelos idos de 1736, ficou registrado e famoso na história o episódio em que ele, montado a cavalo, em Santana de Chapada, quando se dirigia para as Minas do Mato Grosso recém descobertas, o animal pisou em um buraco, tropeçando e quase derrubando o seu dono. Descendo para se inteirar do ocorrido, verificou Almeida Lara que o casco do cavalo havia retirado uma folheta de ouro. Mais tarde, nesse local, chamado Batatal, seus escravos lavraram 11 arrobas de ouro em folhetas.³⁶

Após esse episódio, mandou afixar cartazes em Cuiabá e em Chapada, avisando *“a todos a quem fosse devedor viessem ou mandassem receber as quantias de que eram credores”*³⁷. Pedro Taques ainda nos menciona: *“Assim se verificou admirando aos povos o animo deste paulista, que, vivendo tão empenhado, gostosos lhe fiavam os comerciantes tudo quanto mandava buscar a suas casas”*³⁸. Isso demonstra, certamente, que à essa época, suas finanças, sua propalada fortuna não andasse tão bem assim. A bem da verdade, de há muito se esgotara o ouro aluvional do vale do Coxipó, e a atividade produtiva básica de Almeida Lara, a par de sua fazenda e engenho em Chapada, ainda era a mineração aurífera. Essas 11 arrobas, encontradas no Batatal, vieram em boa hora, pelo menos para pagar os seus credores.

Em 1736 muitas pessoas da vila de Cuiabá estavam pretendendo mudar-se para as novas minas do Mato Grosso. O ouro abundante descoberto dois anos antes pelos irmãos Paes de Barros na região do rio Galera, entusiasmava os cuiabanos e os incitava à mudança. O ouro do vale coxiponeano, outrora tão abundante, estava rareado, e com isso

35 - Sá, José Barbosa de - op. Cit., p.34 e 35

36 - Leme, Pedro Taques de Almeida Paes - “Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica” - Belo Horizonte: Ed. Itatiaia/USP, 1980, tomo I, p.193

37 - Leme, Pedro Taques de Almeida Paes - op. Cit., tomo I, p. 193

38 - Leme, Pedro Taques de Almeida Paes - op. Cit., tomo I, p.193

ocorreu um terrível depauperamento da já tão parca e incipiente economia cuiabana. A mudança era inevitável. A notícia chegou a Cuiabá ainda em 1734 acompanhada de amostras do ouro descoberto e, nesse mesmo ano, Almeida Lara mandou expedição comandada pelo Sargento Mor Antonio Fernandes de Abreu, acompanhado com um dos Paes de Barros, para verificar as novas minas. Retornou a expedição em 1735, com novas amostras do ouro e mais notícias das minas do Galera. O Brigadeiro, com essa confirmação, resolveu viajar para estas minas, com a finalidade de repartir as datas auríferas entre os mineiros. Nessa aventura, iniciada a 2 de maio de 1736, muitos habitantes das minas do Cuiabá e adjacências o acompanharam, apesar de tê-los tentado impedir de viajar, a fim de não se esvaziar a pequena vila cuiabana. Essa expedição do Brigadeiro, foi dividida em duas tropas distintas. Uma, comandada pelo próprio Antonio de Almeida Lara, que desceu o rio Cuiabá, subiu o Paraguai, o rio Jauru, e daí por terra até o rio Galera. A outra tropa foi comandada pelo sertanista Inácio Pereira Leão, quando, pela primeira vez, abriu-se caminho terrestre de Cuiabá até o rio Paraguai, chegando ao local onde posteriormente foi fundada Vila Maria, hoje Cáceres. O Anal de Vila Bela, nos resume a expedição: “[...] *e mandou por terra a Inácio Pereira Leão a abrir o caminho do Cuiabá até o Paraguai que não o havia [...] e daí seguiram o sertão conduzindo o dito Leão o gado e cavalos do dito Brigadeiro [...]*”³⁹. Chegou a expedição ao Galera a 2 de julho de 1736.

Em 1737, continuou Almeida Lara nas Minas do Mato Grosso ocupado em suas funções de repartir as datas aos mineiros e arrecadar os quintos de ouro devidos à Coroa. Em 1738, estando em São Francisco Xavier, tendo recebido notícias da existência de Missões Jesuíticas no Guaporé abaixo, mandou pequena tropa para averiguar e obter maiores informações. Essa expedição, comandada por Antonio de Almeida Moraes, deixou São Francisco Xavier e, após alguns meses de perambulação pelo rio Guaporé, suas margens e afluentes, terminou por confirmar o descobrimento de ouro nas minas do Corumbiara.⁴⁰

Ainda no ano de 1737, “[...] *mandou o Brigadeiro a Antonio Borrvalho para o Cuiabá a levar o ouro dos quintos e dízimos destas Minas que tudo importou em 1.300 oitavas*”⁴¹.

39 - Anal de Vila Bela da Santíssima Trindade desde o descobrimento do sertão de Mato Grosso no ano de 1734 - Memória apresentada ao Congresso Luso Brasileiro de História por João Afonso Corte-Real, Lisboa: s/d, p. 10

40 - Anal de Vila Bela - op. Cit., p. 12

41 - Anal de Vila Bela - op. Cit., p. 11

Em 1738 estando enfermo, Almeida Lara foi substituído no cargo de Guarda Mor das Minas de São Francisco Xavier, por Salvador de Espinha. Felipe José Nogueira Coelho nos conta: "*Em janeiro de 1738 abriu o mesmo Ministro* (Ouvidor da vila do Cuiabá, João Gonçalves Pereira) *a correição na Chapada de São Francisco Xavier. Ali, a rogos dos moradores pôs superintendente com jurisdição civil e crime, e por guarda mor ao tenente coronel Salvador de Espinha, por moléstia do Brigadeiro e Regente Antonio de Almeida Lara*"⁴². Retornou Almeida Lara para Cuiabá por volta de 1739, depois de passar quase três anos pelas Minas do Mato Grosso, em difícil trabalho administrativo, repartindo lavras auríferas, determinando expedições, apartando brigas, sobrevivendo às febres, procurando arrecadar o quinto de direito pertencente à Coroa Portuguesa. Obviamente, também deveria explorar a sua data aurífera, o que contribuiria para aumentar os seus ganhos, e aumentar a sua fortuna, revigorada pelas lavras do Batatal.

Em 1740, já em Cuiabá, ajudou financeiramente a formar uma expedição para contatar os índios Guaicurus, formada por 12 canoas de guerra e 6 de bagagens, conduzindo 140 homens, que partiu do Porto Geral a 6 de julho, levando petrechos e presentes, para com eles fazer negócios, trocando fazendas por cavalos. A finalidade era negociar e não guerrear. Essa expedição foi comandada por Antonio João de Medeiros. Barbosa de Sá nos informa que: "*[...] tudo à custa do Senado da Câmara, de alguns mercadores, do brigadeiro Antonio de Almeida Lara e do Ouvidor João Gonçalves Pereira.*"⁴³. No contato com essa tribo, alguns membros da expedição, sem maiores cautelas, deixaram-se apanhar pelos Guaicurus. Na ocasião, 50 homens foram trucidados pelos referidos índios, e a mortandade dos expedicionários só não foi maior, porque, de uma ilha fronteira onde estava acampado o grosso da tropa, dispararam-se alguns tiros de canhão, pondo assim os silvícolas em fuga.

Por toda a década de 40, continuou Antonio de Almeida Lara exercendo o cargo de Regente das Minas de Cuiabá, e passou entre sua residência em Cuiabá e sua propriedade rural e engenho de aguardente e açúcar em Santana de Chapada. Estava envelhecendo e, sentindo-se cansado de tantos anos de sertão e de labuta, foi se retirando da vida pública.

A história registrou ter sido, o Brigadeiro Lara, noivo em São Paulo de uma sua prima, D. Leonor de Góes, filha de Timóteo Corrêa

42 - Coelho, Felipe José Nogueira - "Memórias cronológicas da Capitania de Mato Grosso" - in - Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro: tomo XIII, 1850, p. 156 -

43 - Sá, José Barbosa de - op. Cit., p.40

de Góes mas, certamente, a sua interminável residência em Cuiabá deva ter sido o impecílio para o casamento.⁴⁴

Faleceu solteiro no ano de 1750 em Cuiabá, deixando, todavia, um filho natural, por ele reconhecido, chamado Sebastião Pinheiro Raposo⁴⁵. Este seu filho, nascido em Cuiabá, cuja mãe o tempo apagou a memória de seu nome, quase nada a história registrou a seu respeito, nem ao menos se deixou descendência. Sabe-se que, em 1763, Pinheiro Raposo forneceu escravos e armas para a tropa comandada pelo Capitão General D. Antonio Rolim de Moura, entrincheirada no Guaporé para combater o exército espanhol, que tentava capturar a Fortaleza Nossa Senhora da Conceição e expulsar os portugueses da margem direita desse rio.⁴⁶

Joaquim da Costa Siqueira nos afirma em suas crônicas: “ [...] e não tendo o mesmo general forças com que se opusesse aquele poder, receoso do perigo iminente se fosse tomada a fortaleza da Conceição, [...] dela recorreu á dita vila pedindo com a maior brevidade socorro, que foi dado principalmente pelos paulistas Bento Dias Botelho [...], João Raposo da Fonseca Góes [...], Sebastião Pinheiro Raposo, filho do brigadeiro Antonio de Almeida Lara, e o reverendo padre José Manoel Leite [...]”.⁴⁷

Certamente, Antonio Pinheiro Raposo deva ter ficado rico simplesmente herdando os bens e as propriedades que lhe deixara seu pai.

Sobre Antonio de Almeida Lara, assim se manifestou Pedro Taques: “ [...] nela (Cuiabá) viveu com o maior respeito que outro algum nacional ou europeu o competiu. Gastou cabedais a serviço d’El Rey. [...] Logrou de grande respeito, que lhe conciliaram, não só as suas belas qualidades e tratamento, mas os importantes empregos que ocupou”⁴⁸.

Afonso de Taunay nos afirma: “Este Antonio de Almeida Lara, um dos mais notáveis dentre os primeiros bandeirantes de Mato Grosso, Brigadeiro de Infantaria das Ordenanças das Minas do Cuiabá, Capitão Mor Regente das mesmas Minas, famoso pelas suas campanhas contra os Paiaguás, vassalo fidelíssimo [...]”⁴⁹.

44 - Leme, Pedro Taques de Almeida Paes - op. Cit., p. 193 - 0

45 - Leme, Luiz Gonzaga da Silva - op. Cit., p.370

46 - Siqueira, Joaquim da Costa - op. Cit., p.134 e seguintes

47 - Siqueira, Joaquim da Costa - op. Cit., p.136

48 - Taunay, Afonso - op. Cit., p.14

49 - Carta Patente de Rodrigo César de Menezes de 30 de dezembro de 1726, transcrita in - Marques, Manoel Eufrásio de Azevedo - op. Cit.

O Capitão General Rodrigo César de Menezes, em Carta patente em que o nomeou Brigadeiro, teceu os seguintes comentários a seu respeito: “[...] *pessoa de conhecida nobreza e abundante cabedais, e tendo atenção a que todos estes merecimentos se acham na do tenente coronel Almeida Lara, de uma das mais nobres famílias desta capitania...*”⁵⁰.

Antonio de Almeida Lara foi, realmente, um personagem de maior importância nos primórdios da história cuiabana e mato-grossense, que conseguiu deixar registro como homem público nos diversos cargos exercidos, sertanista, preador de índios, minerador, senhor de engenho, fazendeiro, e que realmente bastante se destacou nas primeiras décadas pioneiras das minas do Cuiabá e do Mato Grosso.

BIBLIOGRAFIA

"ANAL de Vila Bela da Santíssima Trindade desde o descobrimento do sertão de Mato Grosso no ano de 1734" - Memória apresentada por João Afonso Corte Real ao Congresso Luso Brasileiro de História - Lisboa: S/d.

BEAUREPAIRE-ROHAN, Henrique de - "Anais de Mato Grosso" - *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* - São Paulo: v. 15, 1910

CAMELLO, João Antonio Cabral - "Notícias Práticas das Minas do Cuiabá e Goiasés que dá o Revmo. Padre Diogo Soares, o Capitão João Antonio Cabral Camello, sobre a viagem que fez às minas do Cuiabá em 1727" - *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* - Rio de Janeiro: v.4, 1842

COELHO, Felipe José Nogueira - "Memórias cronológicas da Capitania de Mato Grosso, principalmente da Procuradoria da Fazenda Real, Intendência do Ouro" - *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* - Rio de Janeiro: v.13, 1850

CORRÊA FILHO, Virgílio - *História de Mato Grosso* - Rio de Janeiro: INL, 1969

DOCUMENTOS Interessantes para a História e Costumes de São Paulo - São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, v. XII, 1894 e v. XIII, 1895

FRANCO, Francisco de Assis Carvalho - *Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil* - São Paulo: Serviço de Comunicações Culturais da Comissão do IV Centenário de São Paulo, 1954

LEME, Luiz Gonzaga da Silva - *Genealogia Paulista* - São Paulo: Duprat & Cia, 1903/1905, 9 v.

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes - *Nobiliarquia Paulistana, Histórica e Genealógica* - Belo Horizonte/São Paulo: Ed. Itatiaia/USP, 1980, 3 v.

MARQUES, Manoel Eufrásio de Azevedo - *Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo* - Belo Horizonte/São Paulo: Ed. Itatiaia/USP, 1980, 2 v.

MENDONÇA, Estêvão de - *Datas Mato-grossenses* - Cuiabá: Casa Civil do Governo do Estado de Mato Grosso, 1973, 2 v.

ROSA, Carlos Alberto - "Esbarro no Hoje, Recuo no Tempo, Galope na História" - *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá: 1995

SÁ, José Barbosa de Sá - *Relação das povoações do Cuiabá e Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos* - Cuiabá: Ed. UFMT, 1975

SIQUEIRA, Joaquim da Costa - "Crônicas do Cuiabá" - *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo: v. 4, 1889/90

SILVA, Paulo Pitaluga Costa e - *Ata de Fundação de Cuiabá - Uma análise crítica* - Cuiabá: Ed. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 1995

TAUNAY, Afonso D'Escragnole - "Paulistas em Mato Grosso" - In - "Ensaio da História Paulistana" - *Anais do Museu Paulista*, São Paulo: v. 10, 1941